

OLHAR, OUVIR E DESVELAR: FRAGMENTOS DA CIDADE NO ÁLBUM DO CENTENÁRIO DE SOBRAL – 1941¹

Luciana de Moura Ferreira²

RESUMO

Este artigo visa discutir as comemorações do Centenário de Sobral – CE, a partir de duas imagens representadas no “Álbum Comemorativo do Primeiro Centenário da Cidade de Sobral”, no ano de 1941, buscando compreender como os habitantes da cidade apreendiam as representações da cidade, que eram produzidas e veiculadas por seus ordenadores. Nesse sentido, optamos pela utilização das fotografias como fonte desencadeadora das memórias. A escolha de apenas duas das imagens veiculadas no álbum, nos permitiu compreender a multiplicidade de sentidos que a cidade assumiu na memória social de seus habitantes. Portanto, buscamos compreender como dentro das narrativas sobre a trajetória de suas vidas esses espaços, fixados pelas lentes dos fotógrafos, são referenciados nas narrativas de nossos depoentes, ressaltando que os mesmos não fazem parte de uma classe única, mas sim de lugares distintos dentro da sociedade do período.

PALAVRAS – CHAVES: Imagens. Memória social. Centenário de Sobral.

¹O texto é parte de uma discussão feita em nossa dissertação de mestrado, “**Imaginário e representação no álbum do Centenário de Sobral - 1941**”, junto ao Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

²Luciana de Moura Ferreira. Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE/ Prof. Colaboradora do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

Artigo recebido em 15/12/2011. Aprovado em 22/12/2011.

ABSTRACT

This article aims to discuss the celebrations of the Centenary of Sobral-CE from two images represented in the "Memorial Album of the First Centenary of the City of Sobral," in 1941, seeking to understand how the inhabitants of the city seizing the representations of the city, that were produced and aired by their officers. Accordingly, we chose to use the photographs as a source of triggering memories. The choice of only two of the images broadcast on the album, allowed us to understand the multiplicity of meanings that the city took on the social memory of its inhabitants. Therefore, we seek to understand how within the narratives about the trajectory of their lives these spaces, fixed by the lenses of photographers, are referenced in the narratives of our interviewees, emphasizing that they are not part of a single class, but from different locations within the society of the period.

KEY - WORDS: Images. Social memory. Centenary of Sobral

Nesse artigo, buscamos compreender como dentro das narrativas sobre a trajetória de suas vidas os espaços, fixados pelas lentes dos fotógrafos, são referenciados nas narrativas de nossos depoentes, ressaltando que os mesmos não fazem parte de uma classe única, mas sim de lugares distintos dentro da sociedade do período. Assim, pensamos ser possível captar a memória social desses narradores, a partir das experiências e das vivências que mantiveram com os espaços da cidade de Sobral, gerando uma fusão das narrativas de pessoas de lugares sociais distintos, sobre a cidade. Além de pensar essas imagens como um processo, devemos pensá-las não como um repositório de fatos ou semelhanças, mas sim como uma linguagem, uma memória social que “torna-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas”³.

Pensando a partir de Portelli, compreendemos que cada indivíduo constrói suas memórias a partir das suas experiências, e ao serem verbalizadas elas vão sendo organizadas e ganhando sentidos que ao serem relacionadas com a memória de outros

³ PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História: Ética e História oral**, 15. P.13-33, 1997. p.16.

grupos ou mesmo com a memória oficial, nos permite estabelecer relações entre a memória social e a memória coletiva dos habitantes de Sobral.

Reconhecendo que a memória é fruto das experiências vivenciadas por seus narradores, pensamos ser ela um espelho do indivíduo ou do grupo em que este está inserido, sendo dessa forma construída a partir de seus valores. Desse modo justificamos a presença de indivíduos de classes diferentes nessa pesquisa, forma de captar a cidade de Sobral, na década de quarenta do século passado, a partir do entrecruzamento das visões de seus habitantes.

Afinal, o intuito do historiador é desconstruir as narrativas da memória oficial, é desconfiar das representações e dos discursos por elas proferidos, “é buscar revelar, mesmo que á custa de algum mal estar, as redes de poder, as relações de imposição, os processos de ocultamento”⁴, para dessa forma lançar novas discussões sobre os processos de construção das memória oficiais da cidade.

A ativação da memória é um olhar sobre o passado de uma outra forma, é trazer para o presente as experiências vividas, é produzir um discurso, nesse sentido nos colocamos como psicanalistas⁵ de nossos depoentes, reativando emoções e intimidades das experiências coletivas dos narradores, assim “ a memória modifica os objetos, as investigações, as abordagens e, também a escrita da história”⁶

O trabalho com as narrativas nos fez perceber momentos de tensão entre fragmentos e totalidades das experiências dos depoentes. Os mesmos revelavam em alguns momentos a existência de minúsculas vivências em alguns espaços, mas que ganhavam extensão espacial, ao serem reativadas pelo ato de lembrar, como se reunissem fragmentos na constituição de suas percepções sobre seu cotidiano relacionando-as com as experiências da coletividade na cidade. O Sr. Raimundo Xerez,

⁴ ARAUJO; FERNANDES. Maria Paula & Tania Maria. O diálogo da História Oral com a historiografia contemporânea. IN: VISCARDI, Cláudia M. R. **História oral: teoria, educação e sociedade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006, p.29.

⁵ Sobre psicanalistas e a produção historiográfica ver: SANTOS. Nádía Maria Weber, **Histórias de vidas ausentes: a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

⁶ D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. Intervenções da memória na historiografia: Identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. IN: **Proj. História**, São Paulo, (17), nov. 1998, p. 275.

é um desses narradores do cotidiano de Sobral, nascido no seio da sociedade, gostava de quebrar regras, e por isso circulava por todos os espaços da cidade, conhecendo seus sentidos e deles absorvendo experiências, as quais são descritas por ele como ‘diversão’, essas sensibilidades do cotidiano da cidade são expressas na sua fala;

Olha, eu nasci em quarenta e oito, minha mãe teve desse sete filhos, mas só eu me criei, ela era professora, daquelas que ensinava em casa. Era uma das melhores, a gente morava ali, num casarão onde hoje é a praça da Meruoca. A sociedade era boa, as festas no Pallace eram um luxo só! Lembro que as mulheres mandavam vir as roupas e as jóias lá do Rio de Janeiro, usavam perfume francês, tinha até um jornalista, não lembro o nome dele, mas ele dizia que só ia pra festas no pallace pra sentir o perfume das mulheres. Só entrava a sociedade, o resto do povo não podia entrar, mesmo se tivesse dinheiro, ai ficavam tudo no sereno, olhando as pessoas chegar, vendo as roupas, os carros (...) os pobres não entravam mesmo, tinha o clube deles, O clube dos Vinte, eu ia pros dois, mais lá eles ficavam me olhando, não gostavam também que a gente fosse pra lá, mais eu não me importava eu ia mesmo! Eu gostava era de me divertir, então eu ia mesmo, mesmo que eles não gostassem, nem que as pessoas da sociedade também não gostasse(...)⁷

Um ponto perceptível na narrativa de Xerez é o fato de quebrar as regras impostas silenciosamente pela sociedade. A existência de espaços distintos para públicos específicos, fazia com que nele, membro do grupo denominado de ‘os brancos’, despertasse o desejo de ruptura das regras, era preciso vivenciar as diversas experiências que a cidade lhe oferecia, mesmo não sendo bem aceito no “Clube dos Vinte”, por ser ‘branco’, era lá que ele quebrava as regras, mesmo não sendo aceito.

A ação do narrador de quebrar as regras estabelecidas pela cidade, revela a festas dos “brancos”, ele como branco podia circular em ambos os espaços, mesmo não sendo bem aceito. As percepções que o mesmo relata apontam para um distanciamento do que as imposições da época pregavam para alguém que fazia parte dos “brancos”, ou

⁷ Narrativa de Raimundo Xerez, 62 anos, comerciante. Entrevista realizada em janeiro de 2010, Sobral.

seja o mesmo aceitava os costumes, no entanto acreditava que a diversão estava fora dos espaços a ele reservado.

O clube dos vinte era assim, um clube num era tão bonito como o Pallace, mas tinha banda de musica, as mulheres iam todas bem arrumadas e bem perfumadas, ficavam lá dançando. Tinha aqueles que não entravam ficavam na porta só olhando, mas não entravam porque não queriam! Os comerciante iam pra lá, os que não podia entrar no Pallace! Então todo mundo era bem arrumado também e divertido, eu sempre gostava de ir pra lá! No Pallace eu só ia quando tinha aquelas operas, ou os cantores importantes, mais eu sempre ficava olhando o povo entrar, gostava de ver era todos tão bem arrumados (...) Quando queria me divertir de verdade eu ia pros cabarés, era lá que se encontrava o povo de verdade, sabe aqueles que gostavam de brincar mesmo, lá ia todo mundo, os brancos e os pobres(...) Mas também tinha os melhor, aqueles que só ia quem tinha dinheiro pra gastar com as mulheres, mas ai a sociedade não dizia nada, porque todo mundo ia, mas ninguém falava(...)⁸

O narrador, em questão, fazia parte do grupo privilegiado da cidade, dispunha de boas condições econômicas, viveu a vida toda em Sobral. Percebe-se, através de sua narrativa, seu gosto pela diversão e pouco respeito às distinções sociais impostas pela classe, freqüentava a cidade em busca de experiências e de aventuras. Através de seu depoimento podemos depreender a cristalização de sensibilidades na forma como entendia a cidade, ou seja, conhecia as imposições sociais, mas não se prendia a elas. Dessa forma, foi testemunha ocular de muitas transformações pelas quais a cidade passou, mas também personagem de experiências múltiplas, já que circulava por todos os espaços da cidade. Sua experiência pode ser pensada como a de um observador dos costumes da cidade, já que por vivenciá-los sem preconceitos ou julgamentos prévios, conta a sua vida cotidiana na cidade sem julgamentos ou defesas de discursos oficiais.

Pensar sobre a trajetória de Xerez na cidade, é pensar na percepção do narrador sobre a heterogeneidade da cidade e de seus discursos, é compreender a formação de uma memória sobre a cidade, onde são respeitados os diversos discursos produzidos sobre ela, e ao mesmo tempo, referenciar a importância da sua experiência como

⁸ Narrativa de Raimundo Xerez, 62 anos, comerciante. Entrevista realizada em janeiro de 2010, Sobral.

narrador, ou seja, a atualização das memórias faz com que o mesmo aponte para as pluralidades das formas de vivenciar Sobral.

Importa aqui destacar que o espaço responsável por essas lembranças, por trazer-lhe, a mente e aos sentidos, visão e emoções, por essa revelação de sensibilidades relacionadas há aproximadamente cinco décadas. O espaço responsável pelo ativamento dessas lembranças está fixado numa fotografia, essa entendida por nós como representação, fruto da escolha de um grupo e cristalizada numa fotografia do álbum do centenário.

A utilização das imagens na pesquisa histórica, foi amplamente difundida a partir da década de 1970, com o aprofundamento da história cultural, que possibilitou aos historiadores uma série de possibilidades de uso das imagens e do cinema não apenas como objeto de estudo das artes, mas como possibilidade de compreensão dos papéis que estas assumiam na sociedade em que eram produzidas. Nesse sentido, essas passaram a ser compreendidas como parte das experiências de seus produtores, como uma representação das suas ideologias, levando assim a uma compreensão crítica dos sentidos latentes que essas carregam em suas formas, destacando as escolhas que seus produtores fazem, ao selecionar temáticas e espaços, para representarem ideologias e vivências do grupo social em que estão inseridos.

Dessa forma, as imagens, oferecem ao historiador e a seus observadores “aspectos da visualidade de uma cidade em muito da sua pulsação em uma determinada época histórica”⁹ apontam seus costumes, seus hábitos, suas gentes e suas sociabilidades, apontam os desejos vinculados como representações de seus anseios de transformação.

As imagens como objeto de representação despertam percepções adormecidas pelo tempo, reativam experiências e sentidos adormecidos pelo cotidiano, atualizam experiências, pois “o fato narrado torna ser vivenciado, reinterpretado”¹⁰, portanto reconstruído, nesse sentido passa a ser entendido como contemporâneo da narração e

⁹CABRAL FILHO, Severino. Da fotografia e da lembrança de velhos: a cidade revelada. In: SAECULUM- Revista de História (18); João Pessoa, jan/jun.2008, p.47-54, p. 48.

¹⁰ARAÚJO, *Op. cit*, p.25.

não apenas do acontecimento. Concluímos assim que o desencadeamento das memórias a partir das imagens, ocasiona uma rearticulação das experiências, que são resignificadas pela temporalidade, e pela a relação que os narradores desenvolveram ao reativar essas memórias.

A imagem como objeto de memória traz a tona experiências e espaços que não estão nela representados, reativa a memória para os costumes de Sobral, na década de 1940, época em que os espaços de sociabilidade eram divididos por leis nunca instauradas, mais conhecida por todos os habitantes da cidade. Essa capacidade da imagem de revelar o não representado na imagem é a riqueza oferecida pelo cruzamento entre imagem e memória.

Zuleica Viana¹¹ nasceu em Sobral, pertencente a ‘elite de Sobral’, como a mesma afirma, passou a infância em meio as convenções sociais que a cidade lhe permitia. Participava da vida social e cultural da cidade ativamente, fez teatro, freqüentou os cinemas e as praças mais em voga no período, além de freqüentar as festas no Pallace Club. Como funcionária da prefeitura e depois concursada do Banco Comercial, considera-se privilegiada, pois tivera acesso a uma boa educação e a melhores condições de trabalho, em uma cidade onde a pobreza não foi excluída pelo decantado progresso.

Suas narrativas sobre a cidade apontam para o saudosismo de uma “idade de ouro” por que a cidade passou, em suas narrativas parece reviver aqueles momentos de glória que costuma narrar, deixando nítido em suas falas a diferenciação dos espaços e das classes que os ocupavam.

No meu tempo, as festas no Pallace era um acontecimento, havia uma entrada assim, com umas cordas por onde as pessoas entravam, vinham todas de vestidos lindos, com luva e perfume francês. O povo se vestia muito bem, tudo era importado, tinha dinheiro e mandava vir de fora! As festas lá no Pallace eram só pra quem era sócio, mesmo que tivesse dinheiro, não entrava!¹²

¹¹Narrativa de Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada em fevereiro de 2010, Sobral.

¹² Narrativa de Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada em fevereiro de 2010, Sobral.



Palace Club¹³

Para a narradora, a cidade era o espaço da riqueza e da diversão, o povo só aparece como espectador das ações dos “brancos”, o requinte e o luxo são as marcas que mais ficaram em sua memória. Das lembranças dos bailes que frequentava, ainda é capaz de sentir o cheiro do perfume francês que as mulheres usavam, gostava de vislumbrar a vida na cidade, como enfatiza em suas narrativas. É capaz de lembrar situações que talvez passassem despercebidas por outrem, mas para ela que estavam

¹³ Fachada do Palace Club publicada no Album Comemorativo do Centenário de Sobral.

imersas do sentido de orgulho e de sobralidade, ainda são fragmentos nítidos na memória, que marca o real sentido, das relações de poder mantidas naquele espaço.

Uma vez uma moça negra mesmo, o pai dela tendo dinheiro, ela era doida pra ir pras festas lá, mais não podia só podia quem era sócio, ela decidiu que ia, se arrumou toda, com jóias e vestido, botou perfume francês e entrou! Quando ela tava lá no meio do salão vieram os segurança e levaram ela pra fora! O clube dos pobres, era o clube dos vinte, depois passou a ser o clube dos artistas, lá ia o povo que não podia freqüentar as Festas no Pallace.(...) Do lado de fora ficava muita gente, eles ficavam no sereno, era assim que era chamado quem não entrava na festa, ficavam vendo a gente entrar, todos muito bem vestidos (...) Naquele tempo não vendiam bebida do lado de fora não, depois foi que apareceu as bancas de café! Ficava muita gente lá fora, ouvindo as músicas e olhando a gente entrar (...) depois o Pallace fechou e as festas passaram a ser no Derby e na AABB, nas festa do carnaval, tinha o baile tradicional, nesse dia todos iam de mascara e fantasia, ai as mulheres de vida fácil que moravam ali na beira do rio, se vestiam todas e entravam escondidas, ninguém as reconhecia (...) Sobral era uma sociedade muito granfina, muito fechada, era por isso que Fortaleza tinha tanta raiva da gente...¹⁴

A referência a temporalidade, feita pela narradora, leva-nos a refletir sobre a atualização da memória realizada por ela. Atualmente a cidade para ela não apresenta mais o esplendor e a glória que tinha durante a sua juventude, “eu não reconheço mais Sobral”, com essa fala a autora inicia uma narrativa sobre a atual realidade da cidade, onde não mas existem os grupos e espaços fechados, mas sim uma rede de relações que ultrapassam as convenções sociais e promovem uma interação entre as diversas classes sociais.¹⁵

Eu não conheço mais Sobral, antigamente o carnaval aqui era uma beleza, sabe a Nice, ela era linda! Ela e o marido dela saiam fantasiados no bloco dos sujos, era uma lindeza só, todo mundo brincando, se divertindo. Os pais nem se preocupavam porque era tudo gente boa, que só saia pra brincadeiras! Esse ano fui olhar ali da calçada o bloco dos sujos, mais que coisa horrível, hoje tá tudo misturado, não há mais diferença, ninguém sabe o que é brincar! As mulheres vestida de homem e os homens

¹⁴ Narrativa de Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada em fevereiro de 2010, Sobral.

¹⁵ Cabe ressaltar que hoje a cidade é compreendida como uma cidade universitária, devido a isso tem uma população heterogênea, de pessoas oriundas das regiões vizinhas e mesmo devido à Empresa Grendene, que contribuiu para a migração de riograndense para a cidade.

vestido de mulher, é uma bagunça só! Nem se compara com antigamente(...)¹⁶

Foi a visualização da imagem acima reproduzida, Pallace Club, que manifestou na narradora essa evocação do passado e a construção dessa relação passado/presente. Ela reativa seus sentidos e evoca emocionalmente uma cidade que era desejada por seu lugar social, uma cidade que buscava o progresso e a modernização, que por seus costumes 'elitizados' atraía a raiva da capital, que achava a cidade um espaço fechado.

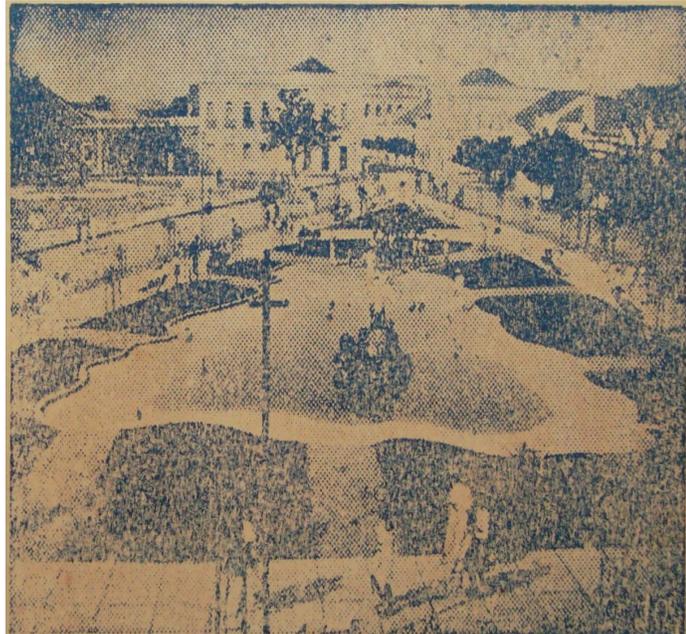
Pensar sobre o passado leva a depoente a caracterizar o crescimento da cidade como amortecimento do sentimento de sobralidade, chegando ela a conclusão que os forasteiros invadem não apenas os espaços sociais mas até mesmo os espaços antes reservados aos sobralenses naturais, ou seja os altos cargos de trabalho. Naquela época, as funções privilegiadas eram exclusivas de membros das melhores famílias locais. Para a narradora a modernidade apresenta-se como algo bom, porém ela ressalta a importância maior da manutenção da tradição e dos costumes. "Tá certo, o modernismo é uma beleza, ninguém pode fugir, ave Maria graças a Deus que as coisas estão se modernizando e é muito bom, mas se tratando de um prédio histórico eu acho que devia ser conservado".

A revitalização das memórias traz, a partir da utilização dos objetos como as fotografias, sentimentos e emoções que não estão representados no enquadramento feito pelo fotografo, mas que se encontram submersos nas memórias daqueles a quem estas imagens estão ligados, nesse sentido, compreendemos a variedade de informações que nos são oferecidas, pelo trabalho que explora as imagens na reconstituição de saberes históricos.

Enlaçado em meio a estas reflexões, fomos percorrendo a cidade e seus espaços mais significativos para os entrevistados, que seja por recordações próprias ou por aquelas que lhes embalsamaram a infância, em forma de narrativas sobre a cidade. Narrativas que eram contadas por suas mães ou avós e que levavam a imaginação a voar solta por entre ruas e praças da cidade, que entrava nos casarões sem pedir licença e fluuavam por entre seus quartos e salas, ativando a imaginação e fazendo sonhar com

¹⁶ Narrativa de Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada em fevereiro de 2010, Sobral.

as festas que não podiam frequentar ou mesmo em quebrar as regras locais, que permitiriam andar livremente por entre as praças e ruas da cidade, sem preocupar-se com as convenções ou com as normas não estabelecidas, porém conhecidas por todos, como um pacto silencioso, quando não se usam palavras ou leis, apenas sentidos sociais.



Praça São João¹⁷

Paulo Silva nasceu em Sobral no ano de 1930, na rua da Estação. Como ele nos conta, sua mãe era dona de casa e seu pai era pedreiro. Era o sexto filho de onze, no meio dos quais havia apenas três mulheres. Não teve grandes avanços na escola. Afinal, tinha que trabalhar para ajudar em casa, ou seja, “os filhos home logo que iam ficando durinho ia aprender o ofício com o pai, a gente tinha que ajudar pra mode botar comida na mesa”, ficando a escola para depois, quando as coisas ficassem melhores. O pai ensinou a profissão a todos os filhos, e trabalhavam muito e pesado para poderem sobreviver em meio as agruras de uma família grande e carente de bens.

¹⁷ O Teatro São João foi construído no século XIX, por iniciativa da Sociedade Cultural União Sobralense, com o intuito de trazer benefícios culturais a cidade. O teatro tem inspiração italiana e estilo Neoclássico, fazendo parte da tríade teatro Monumento juntamente com o teatro José de Alencar, em Fortaleza, e o Teatro da Ribeira dos Icós, em Icó. Sua inauguração foi em setembro de 1860.

Devido a isso Paulo¹⁸ cresceu com uma idéia, “eu num queria ter uma vida tão dura quanto a do meu pai! Então quando fiquei rapazinho, lá pros ano de cinqüenta comecei a procurar outros trabalho”, iria arranjar uma outra profissão e ter uma vida menos difícil, isso levou Paulo para Santarém-PA, onde encontrou a oportunidade que a cidade não lhe oferecia, partiu de Sobral no ano de sessenta e quatro, periodicamente vinha visitar a cidade, os amigos e a família. O norte não lhe deu a prosperidade que buscava, mas mesmo assim lá casou e teve um único filho, viveu com uma idéia fixa na cabeça “quando tiver velho e me aposentar, volto pra minha cidade”, e assim fez há mais ou menos catorze anos voltou para a cidade, sem a mulher e sem o filho que não quiseram acompanhá-lo.

Olha, a gente era menino e brincava lá na rua mesmo, jogava bola, soltava pião! Quando a gente ficou rapazinho íamos passear pela cidade. Víamos a corrida de cavalo (...) O teatro são João funcionava como cinema, e a gente as veze ia pra lá! Lá era o lugar das famílias, dos brancos e dos pobres! A gente pagava e ficava na geral! Os brancos sentavam na frente ou nas casinhas, depois as pessoas iam passear na praça, eu não gostava de ficar lá, porque a gente ficava do outro lado! Depois o falb botou lá uma radiadora, e as vezes eu ficava pra ouvir musica!(...) não eu num lembro de nenhuma musica não, mais lembro que eles butavam mensagem e fazia reclame também(...)¹⁹

A praça São João pode ser entendida como o espaço que mostrava os enfrentamentos das forças sociais. Então devido a esses confrontos silenciosos de forças, nos remetemos a Foucault ²⁰“As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta”. Era o espaço onde as forças eram mediadas por ambos os lados. Talvez por isso as lembranças sobre esse espaço sejam mais fortes e significativas para os depoentes, que apontam em suas narrativas a separação entre as classes sociais, da mesma forma que abordam as diferenças entre o vestir, e os lugares reservados a cada um deles.

¹⁸Narrativa de Paulo José Souza, 76 anos, comerciante. Entrevista realizada em Setembro de 2009, Sobral.

¹⁹Narrativa de Paulo José Souza, 76 anos, comerciante. Entrevista realizada em Setembro de 2009, Sobral.

²⁰FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.28.

Ao falar sobre a geral, o lugar destinado aos pobres no teatro, mais tarde no cinema, seu Paulo aponta para as especificidades de ser jovem em Sobral, sobre o peso que o trabalho impunha a um jovem que além de passar por dificuldades financeiras, ainda acabava sendo observador das diferenças sociais que tanto o incomodavam, talvez por isso não gostasse de freqüentar a Praça.

As narrativas de Paulo nos levam a refletir sobre como se desenvolviam as relações sociais nesse período, pois o cinema era frequentado pela elite e pelo povo, com suas diferenciações e regras de conduta. No entanto, observamos o lado emocional desses narradores que preferiam aceitar aquelas diferenças como naturais, do que reagir a elas. Talvez, por isso todos eles, façam coro ao falar que naquela época não havia marginal.

Ao observar a fotografia da Praça São João, seu Paulo²¹ logo questionou a ausência do Teatro: “por que o teatro não tá aqui?”, Era o seu ponto de referência, tanto emocional como narrativo. No espaço cristalizado pela câmera, passam todos pelo Teatro, sendo a praça apenas um objeto complementar. É curioso perceber como analisa a imagem, procurando vestígios de suas experiências na mesma, fala detalhadamente sobre os bancos, sobre a radiadora, mais especialmente sobre os filmes que assistia no teatro.

Eu adorava cinema, assisti lá os filme do “buc Jones”, “últimos dias de Pompéia”, ah tinha também os seriados que passavam lá! Todo dia tinha cinema, mais eu só ia às vezes (...) depois abriram um cinema novo, o cine Alvorada, ali bem pertinho da Igreja do Rosário você sabe onde é? (...) Pois é, então todo o povo branco passou pra lá, os filme passava primeiro lá e depois vinha pro são João (...) O povo todo ia pra lá assistir lá, mas depois vinha passear aqui na Praça (...) Aqui oh, desse lado que eles ficavam (...)²²

As memórias de Paulo refletem seus sentimentos quanto ao espaço, um espaço que ganha materialidade em suas narrativas ao procurar na imagem, os vestígios de sua vida ali passados. Lembra detalhadamente os bancos, a posição deles, fala sobre a

²¹Narrativa de Paulo José Souza, 76 anos, comerciante. Entrevista realizada em Setembro de 2009, Sobral

²²Idem..

radiadora e até sobre os filmes que assistia, aponta para a imagem como se estivesse ali, naquele exato momento, vivenciando o tempo em que frequentava o cine e sonhava em prosperar na vida. Por uns instantes parece deslocar-se temporalmente.

A chegada do Cine Teatro Rangel, uma instituição moderna e com os últimos lançamentos do cinema, fez com que o cine Teatro São João perdesse parte de seu público, pois aqueles que detinham melhores condições financeiras foram assistir aos filmes no novo cinema. A presença desse novo cine modificou a atividade cultural do Teatro, pois os lançamentos eram exibidos primeiro no Alvorada e depois no São João, onde havia alguns cortes realizados nas fitas, deixando o seu público em desvantagem.

No entanto, é importante verificar que mesmo com a mudança espacial do “ponto de encontro das famílias sobralenses”, a praça continuou sendo o espaço comum de sociabilidades, como nos referencia seu Paulo em sua narrativa que se coaduna com as afirmações de Dona Zuleica²³.

O espaço noturno era no teatro São João, nessa avenida ai em frente. Agente ia para o cinema, ou mesmo no São João que era cine teatro e quando saia ficava andando pela avenida, namorando passeando. Era uma beleza, ficava assim de gente . Depois mesmo quando o cinema ai ficou ruim e inauguraram o cine Teatro Rangel, e vinha passear ai. Tinham muitos bancos era aprazível, muito gosto, agente sentava nos bancos e ficava conversando. Era uma beleza. Não vínhamos todas as noites não porque a gente estudava a noite, e quem não estudava não podia sair toda noite né, ficava a noite em casa, quem tinha piano ficava tocando piano, ficava em casa lendo, a maioria das casas tinha roda de calçada, as rodas de calçada era muito boas, ave Maria.

A importância de não sair todos os dias de casa justificava-se não apenas pelas obrigações como o estudo, mas também como necessidade de preservar a imagem da mulher honesta e dócil, que era pregada pela ordem da “Moral e dos Bons Costumes” da cidade. Enquanto algumas moças ficavam em casa, tocando piano ou mesmo nas rodas de calçada, algumas não frequentavam esses espaços de lazer, devido as questões sociais de trabalho ou mesmo de falta de dinheiro.

²³Narrativa de Zuleica Viana, secretária. Entrevista realizada em fevereiro de 2010, Sobral.

O lazer era algo admitido aos finais de semana, quando do trabalho descansavam e aproveitavam para gastar as poucas economias nas diversões oferecidas pela cidade. As rodas de calçada eram costume nas ruas de Sobral, onde durante as noites reuniam-se as famílias. Enquanto os adultos trocavam informações sobre o dia-a-dia e a cidade, as crianças brincavam livremente pelas ruas. Segundo Antonio Torres²⁴:

No meu tempo todo mundo ficava na calçada, as vezes vinha os amigos de outras ruas para conversar, e a gente corria solto pelas ruas, era muito bom! Num tinha violência, então num tinha preocupação de brincar na rua. Hoje em dia você só ver gente na calçada nus bairro e é cedo! No Centro quase num tem mais nem casa, só os prédio (...) Tudo é perigoso hoje, num se confia em ninguém! Também Sobral cresceu demais, eu nunca acreditei que fosse ficar assim tão grande (...)

As relações construídas com a cidade e com os vizinhos eram símbolo de tranquilidade e segurança que rodeavam os espaços de Sobral. Enquanto os carros aparecem como raros e ocasionais, contrastando com as idéias de progresso almejadas pelos ordenadores da cidade, que buscavam a modernização e as transformações dos costumes de Sobral.

Nesse período, década de quarenta, emergiam na cidade as várias transformações e reformas das ruas, principalmente, as ruas do Centro da cidade. As reformas transformavam a cidade provinciana, numa cidade moderna, com o alargamento das ruas e arborização, além das modificações realizadas nas praças e espaços sociais, como no caso do Mercado, e da construção da Praça Coluna da Hora.

Enfim, o grande desafio da utilização das imagens como desencadeadoras da memória vem a ser transmitir os sentimentos inenarráveis, despertados pelo contato dos narradores com esses fragmentos do passado, as imagens, afinal, esses contatos propiciam o desvelamento de sentidos e possibilidades de perceber a cidade a partir da visão de seus consumidores, independente de que classe social estejam ligados.

²⁴ Entrevista realizada com Antonio Torres, 96 anos, carpinteiro Setembro de 2009, Sobral.

Referências bibliográficas:

ARAÚJO; FERNANDES. Maria Paula & Tania Maria. O diálogo da História Oral com a historiografia contemporânea. IN: VISCARDI, Cláudia M. R. **História oral: teoria, educação e sociedade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006, p.29.

CABRAL FILHO, Severino. Da fotografia e da lembrança de velhos: a cidade revelada. In: **SAECULUM- Revista de História** (18); João Pessoa, jan/jun.2008, p.47-54, p. 48.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. Intervenções da memória na historiografia: Identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. In: **Projeto História**, São Paulo, (17), nov. 1998, p. 275.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.28.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História: Ética e História oral**, 15. P.13-33, 1997. p.16.

SANTOS. Nádya Maria Weber, **Histórias de vidas ausentes: a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.